

A FUNDAÇÃO CONTINGENTE DO ACASO NOS DESTINOS DA PULSÃO¹

THE CONTINGENT FOUNDATION OF CHANCE IN THE DESTINIES OF THE DRIVE

Bernardo Sollar Godoi

Universidade Federal de Minas Gerais

bernardosollar@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2514-5217>

RESUMO: Desde *Além do Princípio de Prazer*, o conceito de pulsão passa a ser articulado com a compulsão à repetição. Reformulando esse conceito, Lacan destaca que a associação livre, ao funcionar como uma fala entregue ao acaso, revela, paradoxalmente, a determinação simbólica que organiza o sujeito. Este ensaio explora essa articulação entre acaso, contingência e necessidade nos destinos da pulsão, a partir da interlocução entre psicanálise e a leitura de Meillassoux sobre o poema “Um lance de dados jamais abolirá o acaso”, de Mallarmé. Meillassoux mostra como Mallarmé fixa o acaso ao fazer coexistirem alternativas opostas em caráter indecível, mas essa fixação só se torna possível porque um ato inaugural e contingente funda o campo de alternativas possíveis. Ao instaurar o universo de possibilidades, a contingência absoluta cria também o solo sobre o qual se desenha a repetição – uma repetição que, no entanto, oculta sua própria origem contingente e traumática.

PALAVRAS-CHAVE: Acaso; Contingência; Pulsão; Repetição

ABSTRACT: Since *Beyond the Pleasure Principle*, the concept of drive has been articulated with the compulsion to repeat. Reformulating this concept, Lacan emphasizes that free association, functioning as speech delivered to chance, paradoxically reveals the symbolic determination that organizes the subject. This essay explores the articulation between chance, contingency, and necessity in the destinies of the drive, based on the dialogue between psychoanalysis and Meillassoux’s reading of Mallarmé’s poem “A Throw of the Dice Will Never Abolish Chance”. Meillassoux shows how Mallarmé fixes chance by making opposing alternatives coexist in an undecidable character, but this fixation only becomes possible because an inaugural and contingent act establishes the field of possible alternatives. By instituting the universe of possibilities, absolute contingency also creates the ground upon which repetition is drawn—a repetition that, however, conceals its own contingent and traumatic origin.

KEYWORDS: Chance; Contingency; Drive; Repetition.

¹ A Carolina Anglada, pelas interlocuções especulativas sobre a contingência.

o autor de Um lance de dados considerou as estrelas, em sua pura disseminação, um símbolo celestial do Acaso. Recortar, com o olhar, uma constelação deste esplendor sem sentido, é realizar um ato totalmente análogo ao ato poético, de acordo com Mallarmé.

(Quentin Meillassoux,
The Number and the Siren)

Desde que Freud publicou o ensaio *Além do princípio de prazer*, em 1920, aprendemos a definir o conceito de pulsão a partir dos fenômenos da compulsão à repetição². Com esse texto, tornou-se possível reconhecer que as repetições coercitivas – independentes de qualquer relação do sujeito com o prazer – estão associadas a aspectos traumáticos e configuram-se como a marca distintiva da pulsão por excelência. Com isso, a compulsão à repetição passou a ocupar, na psicanálise, o lugar de uma verdadeira figura do destino, em que todos os caminhos que aparentemente se afastam dele acabam por reconduzir o sujeito de volta a ele (não necessariamente sem muitos rodeios).

O método psicanalítico de tratamento guarda, em seu próprio funcionamento, uma peculiaridade paradoxal: a associação livre, quando bem-sucedida, revela as determinações que assolam o sujeito. Em outras palavras, a liberdade conferida à fala revela um destino irremediável no qual o sujeito é concebido. Desse modo, torna-se possível entrever uma ligação curiosa entre a prática da associação livre e o caráter determinístico que atravessa os fenômenos de compulsão à repetição na economia pulsional.

A reformulação lacaniana da compulsão à repetição, realizada por ocasião de seu “retorno a Freud”, incide diretamente sobre o estatuto da associação livre. Aliás, Lacan (1954-1955/2010) define a associação livre como uma fala ao acaso, na qual, justamente pela ausência de intencionalidade consciente, o sujeito “entrega” – sem saber – as determinações simbólicas que regem seus caminhos pulsionais, para além de qualquer busca de prazer. Assim, as falas ao acaso obedecem a regras combinatórias próprias, que se mostram aparentemente fortuitas. Nesse sentido, não parece estranho atribuir à compulsão à repetição um caráter necessário.

Entretanto, o que aprendemos com Freud é que toda determinação psíquica está envolvida em uma espécie de defesa contra um traumatismo: uma ocorrência disruptiva e violenta que acomete o sujeito e o força a constituir uma rede de elaborações, destinadas a conter a potencial desintegração psíquica provada pelo excesso que o invade. Nesse sentido, é fundamental notar que a compulsão à repetição e as determinações simbólicas, embora operem como formas de organização psíquica, estão intrinsecamente relacionadas ao encobrimento de uma irrupção absolutamente acidental, mas que provocou um verdadeiro horror sem razão de ser.³

Sem dúvidas, um dos poemas mais representativos acerca da temática do acaso na poesia moderna é “Um lance de dados jamais abolirá o Acaso”, de Stéphane Mallarmé. Neste ensaio, proponho levar às últimas consequências as relações entre acaso e contingência na vida pulsional, articulando-as à interpretação do filósofo francês Quentin Meillassoux sobre o poema “Um lance de dados...”. Meu

2 O conteúdo desse manuscrito faz parte da pesquisa financiada pela bolsa de doutorado do autor (CAPES, No. Processo 88887.653965/2021-00).

3 A esse respeito, ver, p. ex., *Primo Levi: a escrita do trauma* (Macêdo, 2014).

objetivo é, de um lado, estabelecer uma distinção conceitual rigorosa entre acaso e contingência, sem deixar de apontar as conexões entre ambos, e, por outro, explorar como a associação livre, as determinações simbólicas e o trauma podem ser repensados à luz das elaborações filosóficas de Meillassoux e do gesto singular de Mallarmé em sua abordagem do acaso.

UM POEMA QUE PERFORMA O ACASO

The Number and the Siren: a Decipherment of Mallarmé's Coup de Dés, escrito por Meillassoux (2012), é um verdadeiro trabalho investigativo sobre o “Um lance de dados...”. O livro é composto por duas partes. Na primeira, o autor defende que há um código escondido no poema de Mallarmé. A fim de fornecer a prova dessa tese, ele usa dois recursos: evidências textuais (alusões e “enigmas”) que fazem referência a um código específico no poema (um “Número”, como escrito por Mallarmé); e a contagem de palavras do poema. Esses dois recursos, entretanto, não estão desarticulados, de maneira que o número de palavras da contagem é aludido no poema.

Na segunda parte, Meillassoux se depara com um problema: de um lado, o título do poema sugere a supremacia do Acaso, que não poderá ser abolido por número algum (como resultado do lance de dados); e, de outro, existe a estranha presença de um número único que aboliria o acaso (Mallarmé escreve: “o único Número que não pode ser um outro”). A aporia está montada. A princípio, Meillassoux se pergunta se é o caso de examinar qual interpretação estaria correta: a primeira, “Um lance de dados jamais abolirá o acaso”; ou a segunda, “o único Número que não pode ser um outro”, que, aparentemente, contradiz o título do poema – uma vez que o “único Número” abole o acaso por aludir ao resultado do lance de dados?

Mas, como forma de se desviar da aporia, o filósofo propõe identificar em quais condições ambas as proposições podem ser, ao mesmo tempo, verdadeiras. Logo, ele persegue a presença de um número que não seja efeito do acaso, mas que seja, em si, o próprio acaso: ou seja, o próprio poema precisa não apenas falar sobre o acaso, mas também o performar.

Antes de qualquer coisa, Meillassoux precisa desvendar o código que o Número⁴ carrega. Depois de um minucioso exame das possibilidades de números, pouco a pouco, ele constata a importância do número 7. A partir disso, surge uma profusão de pistas que indicam alguma relação com esse número.⁵ Não demora muito para ele ter a convicção de que o código se refere ao número 707. Como se não bastassem os indícios textuais, ele conta 707 palavras presentes no poema, acrescidas das sete palavras

4 Uso a palavra “Número”, com a inicial maiúscula, apenas para fazer clara referência ao número referido no poema de Mallarmé, embora o “número”, com a inicial minúscula, carregue o mesmo sentido do anterior. A mesma situação se aplica também a “Acaso” e “acaso”.

5 Não caberia reconstruir todas as pistas que ele encontra, bem como a argumentação de suas respectivas validades. Apenas para mencionar algumas, podemos citar a Constelação de Setentrião (o “Norte” dos navegantes), que possui sete estrelas; o último verso do poema possui sete palavras (“Todo pensamento emite um Lance de Dados”); o número 7 é o número mais provável de resultar de um lance com dois dados; a insistência da sílaba “*st*” (“se”), em francês, e sua homofonia com a sétima nota musical “Si” etc. O problema de uma reconstrução do argumento de Meillassoux é a perda da prosa ricamente literária presente no livro, que faz o leitor se surpreender com o caráter revelatório presente no *storytelling* investigativo do deciframento do código. O que nos interessa aqui, mais especificamente, é como o acaso está presente no poema e como isso se relaciona com os destinos da pulsão na associação livre e a compulsão à repetição.

do último verso (“Todo pensamento emite um Lance de Dados”), que figura deslocado dos demais. Ao encontrar o código do poema, resta agora entender como o Número é, em si, o próprio Acaso.

Chegamos, com isso, à segunda parte do livro, que visa entender como o poema fixa a infinitude do Acaso. A *hesitação* é o elemento central aqui. Encontramos hesitação tanto no personagem do poema (Mestre) quanto no poeta (Mallarmé). O Mestre hesita em lançar os dados, o que abre margem para a incerteza sobre se, de fato, ele os lançou (reservando um caráter indecidível no próprio ato). Segundo Meillassoux, Mallarmé hesita na codificação do poema, porque está entregue à sorte ociosa de sua aposta: a de que, talvez (apenas talvez), um dia seu poema seja decodificado. Assim como um naufrago que lança, ao mar, uma mensagem de socorro dentro de uma garrafa, na esperança de a contingência encontrar um destinatário, Mallarmé lança ao mar da posteridade seu poema codificado. Isso faz do poema não apenas um texto, mas também um ato: um ato contingente ao acaso.

Portanto, além do drama ficcional do Mestre naufragado, há também o drama real de Mallarmé. O poema sai da esfera da representação, por não ser uma narrativa que represente um drama preexistente, mas também não está restrito à presença absoluta e real, uma vez que o autor não é presentificado. Meillassoux, então, identifica esse ato à estrutura difusa da Eucaristia: o caráter paradoxal de presença na ausência eucarística concilia a lembrança (da Paixão) e a expectativa (da Salvação); é uma presença que não está presente, mas difusa no passado e no futuro. O ato de Mallarmé adquire uma dimensão performativa (além de fazer um aceno divino), por se tornar o próprio ato que descreve: uma aposta; o Número é lançado para além da morte nos mares caóticos da história, na esperança de encontrar um decifrador (Meillassoux, 2012, p. 116).

Para “Um lance de dados...” performar o acaso, o seu deciframento somente poderia ocorrer por acaso. O conhecimento da obra de Mallarmé não fornece indícios de que o poema tenha sido organizado pela contagem de palavras. Com isso, ele introduz a dimensão do risco ao incluir um código que talvez nunca fosse descoberto. Ou seja, a descoberta somente poderia ser feita por acidente. Assim, ele sacrifica o sentido do poema no “altar do Acaso” ao equivaler o seu destino com o próprio acaso (Meillassoux, 2012, p. 122).

Com tal procedimento, Mallarmé fixa a dimensão da infinitude no poema: ao fazer coexistirem alternativas contrárias, o sentido pode igualmente ser ou não ser descoberto. Deixemos claro, primeiro, o que não é esse infinito: não se trata do infinito quantitativo das variadas possibilidades do destino do poema; e Mallarmé não pretendia se igualar ao Deus do monoteísmo, que instaura a relação paradoxal entre finito e infinito por meio de Cristo. O infinito a que se refere é o que Meillassoux (2012) chama de “o infinito dos modernos”: o próprio acaso. Em um mundo onde Deus está morto, o acaso domina tanto as coisas mais significativas e perfeitas quanto as mais insignificativas e fortuitas;⁶ o acaso se torna as opções possíveis de um lance de dados, suas falhas e seus sucessos. O infinito a que se refere, nesse momento, é a estrutura dialética do acaso: esse momento de suspensão em que as alternativas possíveis coexistem.

Mas a estrutura infinita do acaso no poema não está apenas na possibilidade ou não da desco-

6 Impossível não lembrar a pintura *O calvário*, de Andrea Mantegna (1431 – 1506), que figura na capa do *Seminário 2*, de Lacan, em que soldados romanos jogam dados para ver quem ficará com as roupas de Cristo.

berta do código. Há também o procedimento de incorporação da hesitação e da incerteza na história. São três hesitações: o Mestre hesita em lançar os dados; Mallarmé hesita na codificação (uma vez que poderia nunca ser descoberto e, se descoberto, poderia sucumbir ao desprezo dos críticos por uma codificação e um sentido tão banais); e o acaso carrega a própria estrutura da hesitação, por ser, em si, a postergação eterna do resultado contingente. Com isso, percebe-se uma afinidade entre acaso, hesitação e incerteza: em todos, subsiste uma contradição potencial que nos permite escapar de um tornar-se; um alongamento eterno da decisão – decisão essa, por sua vez, que implicaria uma escolha finita. Mas a hesitação somente pode se fundir à infinitude do Acaso se contiver três propriedades: ela precisa ser real (o Acaso governa os eventos finitos e alternativos do nosso mundo); determinada (esse ou aquele resultado concreto); e eterna (igual a si mesmo, sejam suas produções significativas ou não) (Meillassoux, 2012, p. 134).

Entretanto, há uma hesitação que soa estranha: como podemos considerar que o Mestre hesita em lançar os dados se o poema afirma que há um “único Número”? A partir daí, Meillassoux precisa trabalhar com a possibilidade de que um lançamento de dados de fato ocorreu. Sendo esse o caso, o caráter indecível do lançamento precisa ser deslocado para outro lugar. Se até então a hesitação estava no lançamento, ele precisa agora considerar que esteja no próprio Número; talvez seja este que deva ser considerado infinito. Mas como um “único Número” pode carregar a estrutura potencialmente contraditória do Acaso, que guarda, em si, a coexistência dialética e infinita das alternativas?

Para que o Número seja, ele próprio, o Acaso, ele precisa conter uma hesitação intrínseca. Ora, qual é a melhor forma de performar a hesitação senão pela tremura? Um Número que seja ao mesmo tempo o número premeditado (o da contagem do poema, 707) e outro número que não esse (um número insignificante) carregaria a hesitação: “ao mesmo tempo imutável e trêmulo, ambos estruturado e fugaz, precisamente determinado e indefinido” (Meillassoux, 2012, p. 139). Portanto, com o objetivo de “fixar o infinito” da coexistência das alternativas, o código elucidado (707) precisa conter um grau de indeterminação que não o exclua totalmente, mas que o faça coexistir com alternativas diferentes. Em outras palavras, um princípio de incerteza precisa abrigar a codificação do Número, na intenção de gerar uma hesitação eterna que constranja o leitor por meio da oscilação entre as possibilidades.

Se o Número foi codificado através de dois procedimentos, alusões no poema e contagem de palavras, o mesmo deve ocorrer com a sua incerteza. Fatalmente, Meillassoux descobre alusões específicas no poema que indicam a hesitação no Número (Meillassoux, 2012, p. 151-198) e uma oscilação na contagem das palavras do poema (Meillassoux, 2012, p. 198-209).⁷ Ao encontrar essas incertezas, o Número passa a compreender as propriedades do Acaso: (i) contém dois opostos igualmente *determinados* (707 e outro número próximo, como 705, 706, 708 etc.); (ii) é *eterno* (a incerteza e a hesitação estão, para sempre, inscritas no sentido do poema, já que não podemos determinar a solução correta

⁷ Meillassoux relata que, durante o trabalho de contagem e recontagem das palavras nos primeiros meses de trabalho, aconteceu uma falha na soma “correta” de palavras. Eventualmente, ele identificou o erro e encontrou o Número de novo. Mas esse fato lhe revelou uma dimensão mais profunda no poema: o erro veio de três palavras compostas. Normalmente, consideramos uma palavra composta como *uma* palavra, e não como duas. Mas não é tão simples. Duas das palavras compostas do Poema não têm hífen. Há uma ambiguidade quanto a se devemos contar “*au delà*” e “*par delà*” como uma ou duas palavras, bem como há uma arbitrariedade no uso de hífen em palavras compostas. O autor utiliza essa dificuldade para afirmar a “tremura” intrínseca ao Número 707.

para o código); e (iii) é *real* (já que se refere ao ato, talvez efetuado, mas indecível se o foi, do homem Mallarmé na codificação do Poema) (Meillassoux, 2012, p. 143).

Mas aqui entra outro problema. Se o Número, resultado do lançamento, é infinito ou “trêmulo”, por ser incerto, isso retroage sobre o próprio lançamento: o lance de dados se torna incerto, e, com ele, o lugar no qual o drama ocorre. O sentido retroativo é reforçado pela estrutura circular do poema, que começa e termina com as mesmas palavras, “Um lance de dados”. Essa circularidade sugere um jogo que é desde sempre já iniciado e no qual é impossível distinguir cronologicamente o início e o fim de suas ramificações (Meillassoux, 2012, p. 157).

Após identificar a equivalência entre Número e Acaso, Meillassoux afirma o seguinte:

E então uma dialética se estabelece entre os dois: ao se fundir com o Acaso, o Número (e ele sozinho) escapa dos efeitos do Acaso. Deixa de ser arriscado/incerto e torna-se necessário. Assim, em certo sentido, o *Coup des dés* não abole o Acaso, mas, em outro, o faz – pois abole a capacidade do Acaso de produzir apenas realidades contingentes, com exceção do Número único. É por isso que devemos acrescentar ao significado imediato do título: – um lance de dados jamais abolirá o acaso – um sentido contrário: um lance de dados realmente aboliu o acaso. O acaso é destruído ao mesmo tempo que é conservado, segundo uma ambiguidade que reproduz à sua maneira o duplo sentido da *Aufhebung* hegeliana (superação/conservação). (Meillassoux, 2012, p. 165)

Esse fragmento pode parecer enigmático. Como o Número, que se funde ao Acaso, escapa do Acaso? Tenhamos em mente o seguinte. Se até então Meillassoux aborda a estrutura dialética do Acaso, agora ele lança mão da tese fundamental de seu projeto filosófico (que será abordado, com mais detalhes, logo no início da próxima seção): a única necessidade é da contingência, e, sendo esse o caso, pelo menos um ente contingente é necessário (Meillassoux, 2008). O título – construção frasal emblemática que se encontra despedaçada ao longo do poema como dados espalhados sobre uma mesa bagunçada – está no futuro: um lance de dados jamais *abolirá* o Acaso. Esse tempo verbal abre margem para ambiguidade: não é que um lance de dados não possa abolir o acaso; um lance de dados não pode abolir o Acaso *novamente*. Ou seja, houve um ato que aboliu o acaso: o ato que o criou. O único lance de dados capaz de abolir o Acaso aconteceu pelo gesto singular de Mallarmé ao elaborar uma codificação trêmula e lançar o poema ao mar do acaso, correndo o risco de ser ou não decifrado. É impossível repetir o gesto de Mallarmé sem o degenerar em paródia, uma vez que sua repetição não seria singular. Desse modo, retornamos à tese de Meillassoux: tudo é necessariamente contingente, menos a própria contingência e, agora, o ato único do poeta que incorpora a si mesmo nela, criando a estrutura do Acaso (Meillassoux, 2012, p. 166).

Atribuindo esse sentido ao poema, somos capazes de apreender como, por meio da hesitação eterna que o atravessa, Mallarmé fixa o infinito através do acaso. No entanto, resta ainda explorar com maior precisão um ponto central destacado por Meillassoux para sustentar essa leitura: de que modo a contingência funda o acaso?

A FUNDAÇÃO CONTINGENTE DO ACASO

Quando Meillassoux (2008) define o conceito de contingência, ele o faz a partir de considerações sobre o transfinito cantoriano. A grande descoberta de Cantor consiste em demonstrar que é sempre possível conceber um conjunto infinito de cardinalidade superior a um dado conjunto infinito, o que impede qualquer tentativa de conceber um infinito último, capaz de abarcar todos os conjuntos infinitos. Logo, diante da multiplicidade de infinitos, torna-se impossível atribuir à razão a capacidade de encerrar ou totalizar um Todo do universo de casos possíveis.

A partir disso, Meillassoux depreende que o universo da contingência absoluta é, por definição, não totalizável e, portanto, é impensável conceber um Todo de possíveis. Em síntese: o universo dos casos possíveis é estruturalmente não-Todo. É precisamente dessa forma que Meillassoux nos ensina a suspender qualquer atribuição de necessidade às leis da natureza: por mais que as leis se apresentem como estáveis, essa estabilidade não implica a existência de uma razão necessária que as fundamente. Consequentemente, Meillassoux se vê conduzido à impossibilidade de afirmar a necessidade de qualquer coisa – exceto a respeito da própria contingência.

Não é esse o caso do infinito fixado pelo poema de Mallarmé. A infinitude do acaso no poema refere-se a um infinito dialético em relação às alternativas *possíveis* de um Todo: lançamento e não lançamento dos dados; o Número 707 e outros números próximos; se o código foi premeditado ou não etc. Mas, por mais que sejam alternativas de um Todo, estamos falando da oscilação infinita e indecível das alternativas, em decorrência da aplicação de um princípio de incerteza. O mesmo vale também para o “lançamento” do poema no acaso da história: ele *pode ser* eventualmente decodificado e ter seu sentido descoberto. Há duas opções: descoberta do sentido ou não. Mas até mesmo esse sentido é colocado em dúvida pela fixação da oscilação infinita. O paradoxo é que essa dúvida somente pode ser descoberta em dois tempos: primeiro, a decodificação; e, depois, a indecisão quanto a sua validade, que, por sua vez, retroage sobre o primeiro tempo. Aqui, “fixar o acaso” (ou “fixar o infinito”) significa fazer coexistirem alternativas opostas sem efetuar uma decisão (como uma hesitação eterna) por meio da contingência empírica do resultado.⁸ Dito de outro modo, o infinito fixado do poema está mais em seu caráter indecível e incerto (que incorpora a totalidade contraditória das possibilidades) do que na cardinalidade infinita de um conjunto de alternativas. Trata-se de “um infinito dialético, então, que inclui seu outro, mas sem invocar qualquer dinamismo” (Meillassoux, 2012, p. 140). A rejeição do “dinamismo” é uma rejeição tanto da dialética hegeliana quanto de um devir caótico. Resumidamente, o infinito dialético é a fixação do acaso, sem deixá-lo cair na contingência empírica da decisão.

Acontece que o acaso somente é possível pela elisão do resto impensável do universo infinito da absoluta contingência. É nesse ponto que precisamos “afinar” melhor as intrincadas relações entre acaso e contingência. Recorramos a definições utilizadas por Meillassoux em outro texto. “O *acaso* é toda realização de uma potencialidade para a qual não há instância unívoca de determinação sobre as con-

⁸ Se, diante da questão entre acaso e intenção, Saussure se reservou o silêncio e o abandono da investigação a respeito dos anagramas (cf. Arrivé, 2010), Mallarmé, a partir da leitura meillassouxiana de “Um lance de dados...”, intencionou produzir o acaso.

dições dadas iniciais” (Meillassoux, 2007, p. 72, grifo no texto). As “*potencialidades* são os casos não realizados de um conjunto indexado de possibilidades sob a condição de uma dada lei (seja ela aleatória ou não)” (2007, p. 71-72, grifo no texto). Já o que entendemos aqui como a *contingência* absoluta é “a propriedade de um conjunto indexado de casos (não de um caso pertencente a um conjunto indexado) de não ser, ele próprio, um caso de um conjunto de conjuntos de casos” (2007, p. 72). Em outras palavras, a contingência é a propriedade de um conjunto de casos que não pode ser encerrado em um Todo. Já “a *virtualidade* é a propriedade de todo conjunto de casos de emergir dentro de um tornar-se que não é dominado por qualquer totalidade pré-constituída de possibilidades” (2007, p. 72, grifo no texto). Em suma, enquanto a contingência é sempre virtual, por ser da dimensão do não-Todo, o acaso contém alternativas em potencial, por ser da dimensão de um Todo.

Ao defender que a única necessidade é a da contingência, Meillassoux rejeita a primariedade da potencialidade do Todo e reabilita a irrupção *ex nihilo* como o conceito de uma temporalidade entregue à sua pura imanência: Hipercaos, um regime da virtualidade que nos possibilita pensar irrupções *ex nihilo*. Isso significa dizer que a contingência absoluta não está condicionada a um conjunto de casos predeterminados por qualquer lei e que, justamente por isso, são casos que surgem a partir do nada, já que nenhuma estrutura os contém como potencialidades eternas antes de sua emergência (Meillassoux, 2007, p. 72). Importante destacar que a reabilitação da irrupção *ex nihilo* não vem carregada com o caráter cristão do milagre, mas com a própria natureza laica da ausência de razão de ser das coisas. Estão apenas imbuídas do vazio da contingência infinita.

Dadas essas definições, voltemos a “Um lance de dados...” para mostrar como se dá a relação entre acaso e contingência. No fim de *The Number and the Siren*, Meillassoux alerta que o Acaso fora abolido uma única vez, ao identificar a flexão verbal da frase-título no futuro. O que isso quer dizer, senão que o Acaso ainda assim não é capaz de abolir a contingência, pois foi justamente uma contingência que permitiu gerar o próprio acaso? Afinal, se o acaso é da ordem do Todo potencial, significa que somente podemos extrair um Todo excluindo imaginária e simbolicamente o não-Todo da contingência virtual. Dito de outro modo, é o ato singular, *ex nihilo* e, portanto, contingente do lance de dados que cria a possibilidade de um Todo-Acaso e a fixação do seu infinito dialético. Dito ainda de outro modo, é necessária uma contingência para a criação de um acaso, formador de um Todo de alternativas potenciais e prováveis. É um ato contingencial *ex nihilo* que cria uma forma sem precedentes: seja a contingência da criação do próprio jogo de dados, do jogo de par ou ímpar, do “lançamento” de um poema no oceano do acaso. Um lance do acaso jamais abole a contingência, apesar das tentativas. O acaso não é abolido somente se mantivermos a razão de ser das coisas. Assim, da mesma forma que a contingência absoluta fez surgir um acaso, ela pode (ou não) o destruir.

Meillassoux mostra não somente como o poema é um ato contingente que funda um acaso, como também seu sentido apenas se revela pelo acaso: o lançamento do poema à posteridade é ao acaso; Mallarmé nunca saberá a recepção histórica do poema; o sentido somente pode ser revelado por acaso a um leitor; há uma incerteza intrínseca ao poema no que se refere à intenção do autor. A realização do sentido de “Um lance de dados...” é a manifestação do acaso criado pela contingência do ato singular de Mallarmé: o ato-poema de Mallarmé é o sétimo caso de um lance de dados.

OS DESTINOS DA PULSÃO, A PARTIR DA FUNDAÇÃO CONTINGENTE DO ACASO

A discussão acerca da contingência nos leva a repensar as demais categorias modais aléticas. Se retomarmos a metáfora do lance de dados para pensar as modalidades e repensar a dificuldade na distinção entre possível e contingente, compreendemos-na da seguinte maneira: em um lance de dados, é possível identificar que o contingente possui uma relação entre o necessário e o impossível: o contingente de ter caído a face 6 para cima torna necessário que seja 6 e não outro número, bem como torna impossível ser outro número que não 6. Agora, e o possível? O possível se refere às possibilidades do acaso. Em outras palavras, o possível é a potencialidade das alternativas do acaso, ainda não realizadas: é o estado de suspensão entre o lançamento e a sua queda; é o período da expectativa em que os dados estão em movimento e as alternativas coexistem sem se realizar. No entanto, e esse é o aspecto crucial para diferenciar o possível do contingente, o possível necessita de um *apriorismo* (cf. Milán-Ramos, 2007, p. 104-105): é necessário um Todo das alternativas potenciais.

Com isso, conseguimos aprimorar o campo conceitual do acaso, não restringindo-o às ideias de caos e dispersão, como fizeram Garcia-Roza (1987) e Gondar (1995) em suas leituras sobre a pulsão. A concepção de um não-Todo da contingência coloca de lado as perspectivas de acaso desses autores. Garcia-Roza (1987), de um lado, prende o acaso caótico no determinismo psíquico, impossibilitando qualquer pensamento fora de um Todo pensável e, portanto, da própria contingência. Gondar (1995), por outro lado, reserva um espaço para o acaso afastado do determinismo psíquico, mas esse acaso é definido por um devir caótico e dispersivo, supostamente refratário a qualquer lei. Mas é justamente nesse ponto que ela se equivoca a respeito do caos heraclítico: no fundo, este preserva uma lei do devir que impede a não mudança. Sem perceber, quando parece sair do determinismo através do caos, ela encerra o caos em um Todo de uma lei da não-fixação, fechando as portas para a contingência não-Toda.

Para reforçar, podemos dizer que o acaso tem um limite necessário de um Todo que compõe suas alternativas. Em outras palavras, o acaso é composto pelas alternativas possíveis de um Todo. E se o acaso está atrelado a um determinismo, somente pode ser a um determinismo probabilístico, ao qual podemos associar ao conceito freudiano de sobredeterminação. Ou seja: há possibilidades de sentido condensadas em dado significante. Nesse sentido, o acaso está limitado à linguagem e às possibilidades de significação que ela fornece.

Mas, além de desassociar o conceito de acaso do de caos e dispersão, conseguimos agora também distinguir acaso de contingência, para justificar o nosso emprego da segunda, em vez do primeiro, a propósito do caráter acidental que buscamos ligar, com a compulsão à repetição, ao conceito de pulsão. O acaso é da ordem das possibilidades. A contingência, por sua vez, mais do que abarcar as possibilidades infinitas, é da ordem do que acontece. Um acidente é o que acontece.

Essa discussão acerca do acaso e da contingência nos possibilita visitar a concepção lacaniana segundo a qual a associação livre é uma fala ao acaso. Se falar ao acaso é entregar a fala a uma espécie de autômato (sobre)determinístico que habita em nós (e cuja insistência significante expressa a compulsão a repetir), acaso e repetição não são diametralmente distantes entre si. Acaso, autômato, repetição: ambos são passíveis de ser submetidos a uma razão, uma lei, por exemplo, uma razão probabilística;

ambos remetem ao jogo dos possíveis, dos prováveis, do que há mais potencial de ocorrer e se repetir ao longo do tempo. Desse modo, não podemos vincular a repetição à modalidade do necessário, como comumente é feito. A repetição, quando vista em relação ao futuro, somente pode ser da ordem do possível: é possível que algo se repita, e não é apenas por se repetir que seja necessário (mesmo que se repita ao longo de décadas na vida de um sujeito, ou ao longo de milênios, como no caso das leis da natureza). Da mesma forma que a contingência absoluta funda um universo de possíveis (como um dado de seis faces), de necessidades e de impossíveis, ela pode destruí-lo (ou não). Em síntese, a repetição é necessária... até não ser mais: no fundo, é contingente. Esse é o sentido da ausência de razão de ser das coisas.

Se seguirmos a ideia de que a associação livre é uma fala que funciona como um automatismo de repetição do sujeito, isto é, baseada no modo como encadeia os significantes, tenderíamos a encerrá-la no domínio do acaso. No entanto, o que a reflexão até aqui nos revelou é que o acaso somente é possível pela elisão da contingência não-Toda. Dessa forma, podemos acrescentar mais uma função à associação livre. Se, inicialmente, poderíamos considerar a associação livre como uma fala ao acaso que expõe a composição “sobredeterminística” do sistema simbólico do sujeito, agora somos capazes de sustentar que essa atividade tem como efeito colateral o desvelamento da falha do sistema significante, por meio de sua incompletude e sua inconsistência proporcionadas pela contingência, que exige que o sujeito se precipite em uma decisão sem o amparo dos possíveis.

No fim das contas, o que a análise de Meillassoux acerca de “Um lance de dados...” nos elucidava acerca da contingência é principalmente a sua relação com o acaso. O caráter singular da proeza de Mallarmé não pode ser repetido sem cair na comédia da repetição. É próprio da contingência a revelação do novo. A contingência absoluta é o que funda o acaso do universo dos possíveis.⁹ É somente no lastro da contingência, uma vez que ela se inscreve de maneira não-Toda, que surge a possibilidade da repetição, mas uma repetição que se inscreve no apagamento eterno da contingência que a criou.

Além disso, as relações entre acaso e contingência ou, mais especificamente, a fundação contingente do acaso, nos permite conceber a relação do sujeito com o trauma e a compulsão à repetição. Enquanto o acaso é fundado por uma contingência absoluta, o universo de possíveis de um sujeito é fundado por uma contingência traumática. Não há sujeito sem trauma. O trauma é o que mais se aproxima do que seria uma contingência absoluta para um sujeito, ao fundar a necessidade de seus possíveis. O recalçamento originário possibilita a (aparente) consistência simbólica da compulsão à repetição; e tal consistência, por sua vez, sustenta a evitação do buraco do trauma. O que fornece a dimensão real é o aceno da aproximação do buraco traumático, cicatriz deixada pela contingência. A partir do recalçamento originário, todas as contingências empíricas passam, *a posteriori*, a compor o sistema, por meio da transformação da contingência em necessidade: forma-se o mito de destino do sujeito. Mas com um detalhe: em função do recalçamento originário, a contingência traumática é para sempre lembrada por seu encobrimento.

Dessa forma, “o trauma [...] tem um forte traço de temporalidade *apriorística*” (Milán-Ramos,

9 A semelhança com a tese da fundação violenta do universal (cf. Teixeira, 2015) não é uma coincidência. O que funda violentamente o universal é justamente a contingência deixada de fora, como resto inassimilável pelo universal.

2007, p. 111): ao mesmo tempo que funda um antes e um depois, uma temporalidade *apriorística* ou, em termos freudianos, atemporal, o trauma é também a condição para a temporalidade retroativa para a qual retorna o conjunto das associações do sujeito: a compulsão à repetição se apresenta no jogo dos possíveis da contingência empírica, fundada pelo *a priori* da contingência-traumática. Assim, ao usarmos o modo da necessidade em nosso argumento, não é separando-a da contingência absoluta, mas justamente submetendo a necessidade a ela: ao irromper, sob o fundo do impossível, com um novo universo de possíveis, a contingência absoluta pode também o destruir.

Lembremos, nesse ponto, que a necessidade é, antes, proveniente de um arranjo simbólico-imaginário, enquanto a contingência absoluta é da ordem do real sem lei. Assim, podemos “calibrar” o nosso uso do necessário: o necessário é condicionado por uma contingência absoluta, capaz de criar uma “temporalidade apriorística”. Mas o necessário, nesse sentido, é a trama simbólico-imaginária que um sujeito constrói acerca do real: é sua fantasia e seu sintoma.

O caráter compulsório da repetição está na visada que transforma o contingente em necessário. O encadeamento significativo da fala em análise é a tentativa de transmutar os eventos contingentes (isolados, acausais) em necessários, ao lhes atribuir uma razão de ser, que constitua o sujeito em uma temporalidade determinística ou, de maneira mais específica, circularmente determinística: *a posteriori*. Assim, o sujeito vive no inferno determinístico, mas com a diferença de que o demônio é o daimoníaco: seu destino é traçado não por uma entidade externa e superior, mas por sua compulsão à repetição que tenta transformar toda contingência em necessidade.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. E o inconsciente em Ferdinand de Saussure? In: ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 183-197.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, seguido do dossiê: Para ler Além do princípio de prazer*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

GONDAR, Jô. *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Versão brasileira Marie Christine Laznik com a colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. 2a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MACÊDO, Lucíola Freitas. *Primo Levi: a escrita do trauma*. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.

MALLARMÉ, Stéphane. Um lance de dados jamais abolirá o Acaso. In: CAMPOS, Augusto; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. (Org.). *Mallarmé*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991, p. 149-173.

MEILLASSOUX, Quentin. *After finitude: an Essay on the Necessity of Contingency*. Trans. Ray Brassier. New York and London: Continuum, 2008.

MEILLASSOUX, Quentin. Potentiality and Virtuality. Trans. Robin Mackay. *Collapse*, v. II, p. 55-81, 2007.

MEILLASSOUX, Quentin. *The Number and the Siren: A Decipherment of Mallarmé's Coup de Dés*. Trans. Robin Mackay. Falmouth: Urbanomic, 2012.

MILÁN-RAMOS, José Guillermo. *Passar pelo escrito: Lacan, a psicanálise, a ciência – uma introdução ao trabalho teórico de Jacques Lacan*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

TEIXEIRA, Antônio. A fundação violenta do universal. *Revista Derivas analíticas*, n. 3, 2015. Disponível em: <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/universal>. Acesso em: 02/06/2025.

Submissão em: 28/02/2025

Aceite em: 12/05/2025